



Ministério da Saúde  
FIOCRUZ  
Fundação Oswaldo Cruz



Casa de  
Oswaldo Cruz

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***BENEDITO VIEIRA DE FIGUEIREDO***  
**(Entrevista)**

## **Ficha Técnica**

Projeto de pesquisa – Memória e História da Hanseníase no Brasil através de seus depoentes (1960-2000)

Entrevistado – Benedito Vieira de Figueiredo (BF)

Entrevistadora – Maria Leide W. de Oliveira (ML)

Data – 25/07/2003

Local – Cuiabá/MT

Duração – 30m

Transcrição – Maria Lúcia dos Santos

Sumário – Angélica Estanek Lourenço e Monique de Jesus Assunção

Resenha biográfica – Angélica Estanek Lourenço e Monique de Jesus Assunção

Conferência de fidelidade – Angélica Estanek Lourenço e Laurinda Rosa Maciel

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

Figueiredo, Benedito Vieira de. *Benedito Vieira de Figueiredo. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória e história da hanseníase no Brasil através de seus depoentes (1960-2000)*. 2003. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 21 p.

## **Resenha biográfica**

Benedito Vieira de Figueiredo, nasceu em Cuiabá no dia 15 de maio de 1938. Fez o ginásio no Colégio Salesiano São Gonçalo e o científico no Colégio Estadual de Mato Grosso.

Em 1956, foi para o Rio de Janeiro com o intuito de ingressar na Faculdade Nacional de Medicina, da Universidade do Brasil. Ao final da graduação, especializou-se em Dermatologia e realizou seu estágio no Pavilhão São Miguel, na Santa Casa da Misericórdia.

Em 1963, trabalhou como Auxiliar de Ensino, da mesma Universidade e a atuava, concomitantemente, como médico do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (IAPI), na Penha. Após o falecimento de seu pai decidiu retornar para Mato Grosso, mas antes apresentou-se à Divisão Nacional de Lepra, para trabalhar como dermatologista contra a hanseníase em seu estado. Após o treinamento dado pela Campanha Nacional Contra a Lepra, foi contratado pela mesma para trabalhar no Mato Grosso.

## Sumário

### Fita 1 – Lado A

Comentários sobre a infância em Cuiabá/MT, e a profissão dos pais; a alfabetização e os colégios que frequentou; a influência do padrinho médico na escolha pela profissão; a vinda para o Rio de Janeiro em 1956, a entrada no curso pré-vestibular Galope e o início do curso de Medicina na Universidade do Brasil, Rio de Janeiro, no mesmo ano; os lugares em que morou no período da graduação; a opção pela Universidade do Brasil devido aos baixos custos; comentários sobre a prova do vestibular e o grande número de candidatos às vagas do curso de Medicina; o professor Francisco Eduardo Rabelo, as aulas práticas no Pavilhão São Miguel, na Santa Casa de Misericórdia, e os primeiros contatos com a hanseníase; a opção na especialização em Dermatologia; a formação acadêmica em 1962 e a contratação como Auxiliar de Ensino em 1963; considerações sobre os motivos do retorno a Cuiabá, em 1966; o trabalho como médico no IAPI (Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários) na Penha, Rio de Janeiro; a apresentação na Divisão Nacional da Lepra para trabalhar na Campanha Nacional contra a Lepra, em Cuiabá; o curso de treinamento com Nelson Vieira da Silva para a Campanha e o retorno a Cuiabá como funcionário público federal.

Projeto de pesquisa – Memória e História da Hanseníase no Brasil através de seus depoentes (1960-2000)

Entrevistado – Benedito Vieira de Figueiredo (BF)

Entrevistadora – Maria Leide W. de Oliveira (ML)

Data: 25/07/2003

### Fita 1 – Lado A\*

BF: ...Prestação de serviço não tenho nada, a única coisa que eu ganhei foi 24 anos de serviço público.

ML: Entrevista na casa do Dr. Benedito Vieira de Figueiredo, em Cuiabá, no dia 25 de julho de 2003, com a participação da Gerente Estadual de Hanseníase de Mato Grosso, Maria de Lourdes Queirós, do enfermeiro da Unidade de Hanseníase, Davi Chaves Pereira e de Heleno Braz Nascimento, historiador de hanseníase, estudando na área de hanseníase em Mato Grosso. Dr. Benedito, eu queria agradecer a gentileza do senhor nos receber, inclusive porque recebeu um grupo grande, (risos) não é? Uma entrevista colegiada, vamos dizer assim e eu queria começar perguntando sobre a sua infância. O senhor nasceu em Cuiabá, nasceu em 1938, em 15 de maio e... fale um pouco de como era Cuiabá nessa época, na época da sua infância, em 1938, por aí.

BF: Bom, em primeiro lugar eu gostaria de fazer um agradecimento bem sincero de contar, vamos dizer assim, a história da lepra, hoje hanseníase, e pelo prazer de informar tudo o que nós temos conhecimento, tanto por essa deferência especial... Enfim, lembrar que eu sou bem conhecido... já que falou que você quer que eu fale da minha vida, eu sou muito mais conhecido como Bené, do que como Benedito Vieira de Figueiredo.

ML: Tá, então vamos falar Bené daqui para frente.

BF: Então, eu sou conhecido como Dr. Bené, tanto que o Cesarino quando veio para cá, ele queria apanhar o Dr. Bené, eu falei: “Negativo, você é Cesarino. (risos) Você chegou depois de mim então você não pode pegar, está patenteado, Dr. Bené”. (risos)

Então, você pergunta sobre Cuiabá de quando eu era... da minha infância, não é? Eu nasci aqui em Cuiabá. Eu nasci no dia 8 de maio de 1938; por uma questão de erro, vamos dizer assim, do cartório ou talvez até do meu querido pai, ele foi me registrar no dia 15. Eu não sei se o cartório entendeu que eu nasci naquele dia ou se na realidade o meu pai informou que eu nasci naquele dia. Então eu fiquei com a data oficial de 15 de maio de 1938, quando na realidade eu nasci dia 8 de maio, certo? E 8 de maio até tem

---

#### \* LEGENDA:

Palavra sublinhada – demonstra ênfase na fala.

Palavra em *itálico* – não pertence à Língua Portuguesa.

Palavra em **negrito com um ponto de interrogação junto** - é porque não se tem certeza dos fonemas ou da grafia.

(...) - é para demonstrar silêncios ou pausas na fala, como se o orador estivesse pensando, ou tiver sido interrompido pela fala do outro, ou qualquer coisa equivalente.

Palavras em **(negrito e entre parênteses)** - necessidade de explicar algo ocorrido e estranho à fala, como tosse, riso, pigarro, batidas de marcação da fala, toque de telefones etc.,

(inaudível) – palavras incompreensíveis devidos a problemas de gravação ou fala.

uma coincidência, foi o fim de feriado há uns tempos atrás. E eu nasci num trecho da Rua Treze de Junho, que aqui em Cuiabá você pega, tem vários apelidos para as áreas, eu nasci num trecho da Rua Treze, compreendida entre a Benedito Leite e a Senador Metela, que na época chamava Capim Branco. Era rua aqui da cidade, nesse trecho, com nome de Capim Branco. Aí eu me mudei; com 8 meses, mais ou menos, meu pai comprou um imóvel na Rua Treze de Junho, na mesma Treze de Junho, mas mais aqui, vamos chamar de mais para cima, aqui no trecho entre a Major Tobo e a Major Gama. Naquela época ali esse trecho chamava Lavra Pau. Então você vê os nomes das ruas, não é? Inclusive a própria Rua Treze de Junho ela tem o nome de Vila Bela do Juiz, Capela do Juiz; era um Juiz que tinha uma determinada... então é a rua Bela do Juiz. Muito bem, então eu me criei naquele ambiente ali da Rua Treze de Junho e...

ML: Família classe média...

BF: Média bem baixa, não é? Porque meu pai era... bem baixa não digo, mas classe média, não muito média, porque meu pai era comerciante, trabalhou muito tempo numa casa de... antigamente aqui, nessa época, Cuiabá tinha o seguinte: era uma casa que vendia tudo, desde alfinete até carroça, vamos dizer assim, porque não tinha carro praticamente, não é? Então meu pai trabalhou nessa casa, Casa Gabriel de Matos. O meu falecido pai, o nome dele era Guatemozi Figueiredo, esse nome é asteca, não é? Guatemoqui... Tem até aquele monumento lá no Rio, não é? De alguma coisa.

Muito bem, então eu me criei ali naquele trecho do Lavra Pau. E o que que era nessa época, o que você tinha de diversão, vamos dizer assim, fora disso... frequentava aula, mas tinha uma diversão. O que era a diversão? Era um jogo de bola, uma pelada, numa área que na época chamava Baixada do Tanque.

ML: O senhor tinha quantos irmãos?

BF: Nenhum, sou filho único.

ML: Filho único!?

BF: Minha mulher também. (risos)

ML: Nossa! Uma família pequena.

BF: É, então...

ML: Mas o senhor coloca aqui, no seu currículo, que o senhor foi alfabetizado pela professora Celina [Ferreira Gomes].

BF: Professora Celina [Ferreira Gomes].

ML: O senhor teve uma professora só para alfabetizá-lo?

BF: Não, era uma professora que tinha vários alunos, entendeu? Era aquela professora que...

ML: Que alfabetizava.

BF: Que a gente chamava de leiga e que alfabetizava a criançada. Então nós éramos, mais ou menos, uns 30 alunos.

ML: E iam como? Na casa dela, como que era?

BF: Na casa dela. Vizinha ali na Rua Treze, no Lavra Pau (**risos**), ali que era a escola dela.

ML: Esses colégios... depois o senhor cita os colégios que o senhor... eram colégios públicos ou privados?

BF: A maioria [colégio] público.

ML: A maioria pública.

BF: É, eu fui alfabetizado pela professora Celina, que minha mãe apesar de ser professora, a minha mãe... aqui vale a pena registrar: a minha mãe era Amélia Vieira Figueiredo, mas conhecida como Professora Miluca, era professora primária, professora Miluca.

Então todo mundo aí... essa turma de políticos que hoje... todo esse povo foi aluno da minha mãe, lá em Várzea Grande. E tem um detalhe que eu vou contar... Você falou para eu contar um pouco da infância, não é?

A minha mãe... Cuiabá tinha assim dois partidos: UDN [União Democrática Nacional] e PSD [Partido Social Democrata], e meu pai era da UDN. Então, quando o PSD ganhava, a minha mãe ia para Várzea Grande. Ainda bem que ia para Várzea Grande, porque era mais perto. Só que o Rio Cuiabá não tinha ponte, ela atravessava por balsa, entendeu? E ela atravessava e tudo o mais. Eu, não sei porque que eu fiquei com essa imagem gravada até hoje: eu participei da enchente mais violenta que já teve no Rio Cuiabá, eu presenciei, foi em [19]42. Inaugurar essa ponte do (**inaudível**) que tem lá, que hoje ela está totalmente modificada, que ela tinha arco, uma série de coisas... eu tenho as fotos aí, tenho uma porção de fotos. E essa ponte, a água passou por cima dela. A senhora deve ter visto ali aquela Igreja de São Gonçalo? Chegou quase ali, a água.

ML: E nessa época, porque segundo Heleno, nessa época, em 1938, existia esse leprosário, não é? Eu queria saber...

BF: É o São João do Vale, não é?

ML: É.

BF: Exatamente.

ML: O senhor na sua infância, o senhor ficou sabendo da existência desse hospital?

BF: Não. A infância era, vamos dizer assim, a gente era meio desligado dessa coisa... dessa situação.

ML: Não tinha nenhuma história assim da lepra?

BF: Nada. Eu nem conheço nada.

ML: Você quer comentar alguma coisa, Heleno, sobre isso?

HN: Não.

ML: Sobre essa época? O que existia em relação ao entorno desse hospital aqui na... porque na época da infância dele, ele [o hospital] ainda era ativo, não é?

BF: Ah, com certeza. Agora você perguntou em termos dos outros colégios que eu freqüentei. Eu fui alfabetizado pela professora Celina... Celina...

ML: Celina, Celina Ferreira Gomes.

BF: Ferreira Gomes, está no currículo aí. Então, fiz o primeiro ano. Eu tinha falado aquele parêntese, apesar de minha mãe ser professora, ela não quis mexer com a minha formação, achava que eu não daria... não obedeceria, não seguiria aos ensinamentos e tal. Aquela história: ‘santo de casa não faz milagre’, (risos). Então, eu fui para a professora particular, vamos dizer assim, alfabetizar. E aí dessa alfabetização, a minha mãe viu meu aproveitamento, então falou assim: “Não, eu não vou colocá-lo mais no primeiro ano”, e me colocou no segundo ano, já na escola pública, Escola Modelo Farani Novasck.

ML: Naquela época, uma das melhores escolas.

BF: É, era a melhor escola. E nessa época ela funcionava onde hoje é o Ganha Tempo, ali na praça Ipiranga, agora ficou Ganha Tempo. Era Imprensa Oficial, agora é Ganha Tempo, na Praça Ipiranga. Muito bem, eu fiz acho que uns oito ou 10 meses lá. Aí nos mudamos para o Palácio da Instrução, ali perto da Basílica hoje, Palácio da Instrução. Lá eu terminei. Fui até o quarto ano primário no Palácio da Instrução.

Aqui eu vou contar um detalhe interessante que eu acho, depois eu vendo, porque o meu pai ele, um dia ele falou... “O que fazem com essas provas dos alunos?”, “Não, depois de um certo tempo, a gente abandona tudo. Isso aí não tem o maior valor pra gente”, ele falou: “Então me dá as do meu filho”. Eu tenho comigo até hoje, é... (risos), a prova do segundo ao quarto ano. Todo mês, as provinhas mensais.

Agora um detalhe interessante: eu... no segundo... não sei, eu não me lembro bem, precisar a data, mas no segundo ou terceiro ano, acho que foi no segundo, a professora deu uma tarefa pra fazer em aula, um trabalho pra fazer em aula, na sala de aula, e colocando várias palavras, entendeu? E pra gente formar sentença... aquela história de formar sentença. E uma das palavras era esperança. E o que eu escrevi naquela época? “Eu tenho a esperança de ser médico”, já naquela época.

ML: Muito precocemente, não é?

BF: E eu não tinha influência nenhuma de médico, a não ser meu padrinho que era médico. Meu padrinho que deu o nome da Escola de Saúde do Estado, mas eu não tinha tanta ligação com ele, apesar de ser meu padrinho, eu não tinha tanta não. Eu sei lá...

ML: E como foi essa decisão, quer dizer, então a decisão de ser médico foi muito cedo, o senhor não teve nenhuma... assim, teve alguma história de doença assim que tenha te...

BF: Não.



ML: ... Envolvido, não?

BF: Nada, graças a Deus, nada.

ML: E como foi ir pro Rio de Janeiro?

BF: Bom, eu posso passar ainda... passar ainda pelo ginásio, não é?

ML: É o ginásio.

BF: Naquela época o ginásio eu fiz no Colégio Salesiano São Gonçalo.

ML: Que é privado?

BF: Era privado, é até hoje. Aí daí, eu saí pro Liceu Cuiabano, que na época chamava Colégio Estadual de Mato Grosso e que mudaram o nome não sei porque.

ML: Nessa época fazia o quinto ano?

BF: Fazia tudo.

ML: Admissão?

BF: Não, admissão eu fiz também particular num outro professor, lá perto de casa mesmo. Eu acho que eu coloquei aí... Januário Rondon que eu fiz admissão e o ginásio. Agora o... na época o científico, não é? Eu fiz no colégio que, na época, chamava Colégio Estadual, porque tinham trocado, mas o nome original é o que tem hoje Liceu Cuiabano, e hoje ele levou mais uma homenagem à Dona Maria de Miller, então é Liceu Cuiabano Maria de Arruda de Miller, você deve ter visto lá.

Aí eu saí daqui, fui pro Rio de Janeiro... em [19]55 que eu terminei, aí em [19]56 eu fui para o Rio. Agora aconteceu uma coisa gozada, naquela época não podia entrar na escola de medicina quem não tivesse 18 anos, ou a completar no primeiro semestre. Então, o que aconteceu comigo? Eu não pude entrar na faculdade...

ML: Por causa daquela história lá do primeiro ano, o senhor era muito novo?

BF: Pois é, no primeiro ano, fui embora mais cedo para escola. Então o que eu fiz? Eu fiquei no Rio, matriculei no Curso Galope, que era um curso pré-vestibular na época, pra poder fazer a revisão de tudo que eu sabia e aprimorar mais, não é? E aí eu consegui porque fazendo aniversário em maio, eu entrava no primeiro semestre. Então, eu entrei na faculdade para completar os 18 anos. E eu concorri na época só para, optei pela [Universidade] Nacional por causa da minha situação econômica que eu já falei: meu pai era comerciante; minha mãe professora primária e tal... era de pouca posse e como eu era filho único, o dinheirinho que foi reunido foi para mim, não é? Então eu vivia dentro daquele orçamento limitado, não é? Não... nunca passei dificuldade, graças a meus pais...

ML: Morou em república, como foi lá no Rio de Janeiro? Morou em república?

BF: Pois é, não, aí no Rio de Janeiro foi o seguinte, meu pai me levou e me botou numa pensão que tinha completa: [Rua] Silveira Martins, 135. Essa pensão até o dia que eu fui a última vez no Rio, que agora está perigoso lá, eu vi essa pensão e mostrei para os meus filhos. Continua como pensão até hoje. Agora está como nome de hotel, mas é [Rua] Silveira Martins 135; eu fiquei lá. Muito bem, ficamos nessa pensão até que eu consegui o cartãozinho do [Restaurante] Calabouço, para comer no Calabouço, mais barato, reduzir o gasto do orçamento meu que, na época, eu não sei ao que corresponderia, mas era cinco dinheiro que eu ganhava, pegava por mês com o meu pai: dava para tudo, dava para pagar o Curso Galope, dava pra pagar a pensão, dava para comer alguma coisa decente, não é? Quando a pensão... porque a pensão não dava comida domingo, nem almoço nem jantar, só dava até sábado, e no domingo a gente comia fora. Aí depois que eu consegui o cartão Calabouço...

ML: Você morou nessa mesma pensão o tempo todo?

BF: Não, eu já vou pular agora. Então eu saí... quando eu consegui o cartão do Calabouço, o que eu fiz? Procurei um apartamento que oferecesse vaga dentro de quarto. Então eu fui morar num quarto de um apartamento em frente da pensão, que eu consegui. Era uma família de um pessoal libanês e eu morava numa vaga num quarto, aí já reduziu o custo, não é? Porque aí eu só pagava o quarto e comia no Calabouço.

HN: Por que Calabouço?

BF: É porque é na Ponta do Calabouço do Rio de Janeiro .

ML: É, foi uma...

BF: Chama Calabouço o prédio.

ML: Foi importante na ditadura, esse... esse.

BF: É.

ML: Vários episódios, mataram um estudante.

HN: Como que era o nome da faculdade de medicina?

BF: A faculdade que eu fiz na época até 1960 e... 1962, não é? Quando eu formei; em [19]62, [19]63 que começou a ir para o Fundão, era Faculdade Nacional de Medicina...

ML: Universidade do Brasil.

BF: ... Da Universidade do Brasil.

ML: É que era na Praia Vermelha.

BF: Localizada na Praia Vermelha.

HN: Existe até hoje?

BF: Não.

ML: Não, infelizmente, foi derrubada.

BF: Pois é, agora nós fizemos 40 anos de formado e o colega teve a... a paciência e a dedicação de fazer uma história, inclusive o Jorge Delia, você conhece?

ML: É, eu conheço, eu já li.

BF: Conhece o livro?

ML: Conheço.

BF: Então ele conta a história da nossa faculdade porque o que aconteceu foi o seguinte: a Eletrobrás, é, eu acho, a Eletrobrás comprou aquela área com o prédio.

ML: Hoje pertence a UniRio.

BF: É, comprou aquela área e o que a Eletrobrás fez? Ao invés de pegar aquela construção que era belíssima, você conheceu, não é?

ML: Belíssima!

BF: Belíssima, belíssima, eu tenho a fotografia, um montão de coisa aí. Então o que eles fizeram? Derrubaram para fazer uma coisa nova e não fizeram até hoje.

HN: E podia? Não era tombado?

BF: Você comprou você faz o que você quer.

ML: Não é, o governo... na ditadura, vamos dizer assim, o governo priorizou os *campus*, vamos dizer assim, que também era uma de maneira de desagregar os estudantes. E também, a racionalidade e colocar tudo junto, porque a Universidade Federal do Rio de Janeiro, era um prédio para cada lado, não é?

BF: E a maioria estava na Avenida Pasteur.

ML: E fomos para uma ilha, pra a Ilha do Fundão, onde todas as faculdades, todas as unidades poderiam ficar naquele *campus*. Até hoje nem todas foram, (risos) mas assim, quase todas estão lá.

BF: Bom, aí voltando à história da chegada ao Rio de Janeiro, quer dizer, aí me preparando para o vestibular, não é? E o vestibular então o que eu tinha que fazer? Tinha que escolher uma faculdade, onde tivesse menos custos e no caso era a Nacional, porque que você pagava dois dinheiros...

ML: Mas naquela época não tinha... tinha outra opção?

BF: Medicina e Cirurgia, Ciências Médicas e Fluminense.

ML: Já existiam essas. Ah, é! Naquela época já existiam, é.

BF: As quatro [faculdades], no Rio, as quatro. Então o que eu fiz? Eu fiz concurso só para a Nacional.

ML: Só para a Nacional.

BF: Só, porque eu não tinha como... porque Ciência Médica era paga...

ML: A Fluminense era paga também nessa época, o [Rubem David] Azulay falou isso.

BF: Tudo era pago, era pago, tinha a Cirurgia, Ciências Médicas e Fluminense.

ML: Ela era a única pública.

BF: Então eu não tinha, a opção minha era fazer a Nacional, e eu fiz na Nacional. Agora aconteceu um caso interessante... faz parte da... você falou para mim falar da minha vida, não é? (risos) Aconteceu uma coisa interessante, eu fui me matricular... eu sempre fui meio apressadinho pro negócio de horário, de querer fazer as coisas [com antecedência] pra se tiver alguma encrenca, eu ter condições de resolver.

Então eu cheguei com todos os meus documentos e fui fazer a matrícula no primeiro dia, tá? Estava lá a pessoa, não me lembro quem era, conferiu toda a minha documentação e falou: “Olha, eu não vou poder te matricular”, fazer a inscrição, não é? “Não vou poder fazer a sua inscrição”, eu falei: “Por quê?”, ela falou: “Não, porque todos os seus documentos estão sem a letra C, e você na certidão é Benedicto. Nenhum documento seu tem a letra C”.

ML: Que detalhe importante! (risos).

BF: “Você vai fazer o seguinte, me matricula sob condições, eu vou providenciar tirar o C dessa certidão”. Aí, escrevi para meu pai, escrevi não, telegrafei, porque naquela época a comunicação do Rio de Janeiro era uma coisa, não é?

ML: E olha que era a capital do Brasil!

BF: É, não tinha... aqui tinha uma comunicação precaríssima com Cuiabá. Então, eu fui no correio e escrevi pro meu pai; e meu pai... em Cuiabá era uma família grande onde cada um representava o seu papel na sociedade, e papai tinha muito entrosamento com juízes, com o pessoal da época, não é? Que ele era... trabalhava na Casa Comercial e todo mundo comprava lá, então ele conhecia todo mundo, e ele conseguiu e o juiz determinou que o cartório tirasse o C do meu nome. Me mandou a certidão sem o C.

ML: É, (risos) o curso, vamos falar do curso.

BF: Mandou sem o C. Muito bem, agora vamos lá: vestibular. A faculdade... eu fiz uma crítica na redação de português porque simplesmente marcaram o exame para sete horas de manhã. Eu cheguei sete horas de manhã pra fazer o exame e primeira prova, prova de Português, tá? A prova terminou... começou às 11 horas. Entraves lá burocráticos, não sei o que foi. E sabe qual era o tema da redação? “Emoções que antecedem ao exame vestibular” (risos). Eu aproveitei o tema e sentei o pau na faculdade! Muito bem escrito,

mas desci o cacete: “Falta de responsabilidade com o horário, com não sei o que...” e por aí fui descendo o cacete. Bom, passei na prova de Português. Naquela época...

ML: Mesmo assim...

BF: Ah, claro, não tinha erro de português.

ML: Porque ela era eliminatória, não é?

BF: Não.

ML: Ah não? Você fazia todas?

BF: Só três que eram eliminatórias: Física, Química e Biologia... então eu fiz Português, aí vinha opção para duas línguas, eu conhecia alguma coisa de inglês e francês porque eu estudei no colégio dos padres; então eu optei por inglês e francês. Aí fiz, e concorri com 960 candidatos.

ML: Era muito concorrida na época.

BF: Eram seis para uma vaga, seis porque eram 150 vagas.

HN: Mas tinha muitas vagas também, não é?

BF: É, 150, não, mas a turma anterior foi 420; a turma... tem colega aqui dessa turma de 420, que é o Vicente Angular, o Chicoreli, o pai, e o Estevam (inaudível), esses três foram da turma anterior que era 420.

ML: Tem algum colega seu dessa época, daqui de Cuiabá?

BF: Lamentavelmente não, porque o Antônio Carlos Souto Fontes, de Cáceres<sup>1</sup>, que faleceu até a um tempo atrás, meu colega de turma. Depois de mim, quase da época, o Ítalo Maleiros teve (**Inaudível**) também faleceu agora no ano passado.

ML: E do curso? Vamos falar do curso.

BF: Bom, aí eu fiz... eu passei... passei em 92º, bem colocado, não é? Para 150! Só que, só passaram os 120, não preencheram as vagas.

ML: Não preencheram as vagas.

BF: Aí houve novo vestibular para completar os 150, e aí nós ficamos esperando, pra fazer um outro vestibular, pra poder começarem as aulas. Aí vem o curso, não é? Vem trote, e não sei o que... o curso... as cadeiras básicas até o terceiro ano na escola, não é? Lá na Praia Vermelha, no prédio, e daí para cima hospital... Santa Casa...

ML: O senhor chegou a ir para o Instituto de Leprologia, pro Hospital Frei Antônio para alguma prática?

---

<sup>1</sup> Cáceres é uma cidade do interior do Estado de Mato Grosso.

BF: Fui para o Hospital Frei Antônio quando eu me decidi vir para cá, não é?

ML: Não, mas tinha prática? Porque o senhor pagou o [Francisco Eduardo Acioli] Rabelo na Dermatologia.

BF: É o [Francisco Eduardo Acioli] Rabelo direto.

ML: O Rabelo direto.

BF: Direto.

ML: Ele não chegou a levar vocês...

BF: Não, não.

ML: Pra fazer alguma prática no Hospital?

BF: Não, não era sempre lá no Frei... como é que chama? No Pavilhão São Miguel<sup>2</sup>.

ML: Pavilhão São Miguel.

BF: Direto, só lá. Toda aula nós tínhamos a enfermaria 13, que era a nossa, da dermatologia. Então qualquer coisa era lá.

ML: E aí você viu muitos casos de lepra na... naquela época, no ambulatório?

BF: Sim, no ambulatório do Pavilhão São Miguel era pouco, não é? Porque quem botava...

ML: Tratava casos?

BF: Não, na época, sabe o que acontece? Eu não sei se era o Estado ou se era o Município, era uma confusão! Você não sabia o que era Estado, o que era Município, foi naquela época de transição, não é?<sup>3</sup> Estava...

ML: É, da fusão.

BF: Aí tinha Estado da Guanabara, depois passou a Rio de Janeiro, depois não sei o que e tal. Então eu não lembro... tinha um, era na época chamava dispensário, não é?

ML: É, dispensário.

BF: Dispensário de Lepra, era ali na rua...

ML: do Rezende.

BF: do Rezende. É, na Rua Rezende.

---

<sup>2</sup> Este Pavilhão está localizado na Santa Casa de Misericórdia, onde eram ministradas as aulas práticas das especialidades.

<sup>3</sup> O depoente se refere à criação do Estado da Guanabara em 1960, logo após a inauguração de Brasília.

ML: Vocês chegaram a ir lá?

BF: Eu fui médico de lá, depois de formado eu fui lá, mas não no tempo de Escola.

ML: Mas então qual foi a sua experiência com a lepra durante o curso específico?

BF: Só mesmo as aulas que o professor administrava.

ML: Aula teórica?

BF: Teórica, prática, mostrava alguns doentes.

ML: Internava doente? Na enfermaria...

BF: Não, não era. Ali era o seguinte: eram trazidos no Pavilhão. Os professores, os colegas que eram os instrutores eles traziam no Pavilhão, mas nós não chegávamos...

BF: E não era nenhum assim...

ML: O senhor não chegou a examinar um paciente de lepra?

BF: Não.

ML: Durante o curso de medicina?

BF: Não, o meu contato mais direto foi depois, não é?

ML: O senhor não conheceu o Rabelo pai, [Eduardo Rabelo] não é?

BF: Não.

ML: Só o Francisco [Eduardo Acioli Rabelo]?

BF: Só o Francisco [Eduardo Acioli Rabelo].

ML: Só o filho, não é?

BF: É.

ML: Mas... bem, dizem que ele era muito teórico.

BF: **(Pausa)** Não, não tanto.

ML: Ele botava a mão no doente?

BF: Botava a mão no doente sim. E ainda ele era míope, ele não usava óculos, ele chegava pertinho pra ver a lesão mesmo, ele examinava mesmo.

ML: Vocês, alunos de medicina, tinham medo de tocar nos pacientes de lepra?

BF: Não, eu nunca tive medo de nada, não.

ML: Isso não era passado...?

BF: Não.

ML: De nenhum...

BF: Não, não era passado nada disso, viu?

ML: Você lembra dessa época de algum colega... como foi, como foi essa experiência, tem alguma amizade que ficou daquela época? Você trabalhou com algum colega, você fez algum trabalho especial com algum colega dessa época? O que...

BF: Como estudante?

ML: É.

BF: Não, na especialidade não.

ML: Não?

BF: Não, porque eu fiz o treinamento meu todo da dermatologia, lá no Pavilhão São Miguel, era ambulatório, não é? Direto, ambulatório e a enfermaria de alguns casos que se internava.

ML: O Pavilhão São Miguel fica na Santa Casa da Misericórdia.

BF: É Santa Casa da Misericórdia, na [rua] Santa Luzia, não é? Lá que eu fiz o treinamento todo.

ML: Como foi a decisão de fazer dermatologia?

BF: Ah, eu não sei, eu achei bonito (risos), achei bonita a especialidade. Embora seja, que eu considere, difícil e fácil ao mesmo tempo. Difícil porque as lesões, às vezes, se misturam, não é? E fácil porque você olhou, você tem que saber o que é, não é?

ML: E eu vi aqui que você terminou... porque você terminou a faculdade em 1962.

BF: [19]62.

ML: E aí logo em [19]63, você foi contratado...

BF: Fui contratado com Instrutor de Ensino.

ML: Como auxiliar de ensino, não é?

BF: É, Instrutor de Ensino, que era, não é? Acho que auxiliar ou instrutor, um negócio assim.



ML: Porque aqui está escrito auxiliar.

BF: É, auxiliar, então.

ML: Mas ficou apenas dois anos, não é isso?

BF: Só, porque me pai morreu, eu vim embora.

ML: Ah tá? Então eu ia falar por que não ficou no Rio de Janeiro...

BF: Exato, pra ser um Absalão da vida.

ML: Por que voltou para cá... E como foi esse processo de mudança?

BF: Pois é, o processo de mudança foi assim: eu estava na... eu era instrutor de ensino. Muito bem.

ML: Estava com a vida [estruturada] pra ficar no Rio de Janeiro.

BF: Exatamente, eu estava articulando tudo pra ficar no Rio de Janeiro. Então eu fiquei do IAPI [Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários] na Penha, consegui... o Demétrio Periassu que me encaminhou; eu pedi pra o professor Rabelo que eu queria mais alguma coisa porque esse cargo de Auxiliar de Ensino era um tanto quanto assim... era vago, dependeria do novo contrato.

ML: E ganhava muito pouco também, não é?

BF: Com certeza, mas se bobear ganhava mais de que agora, hein?

ML: É?...

BF: É.

ML: Porque agora também...

BF: Em termos de valor, não é? Em termos de valor de... como é que se diz? De potencial de compra, não é? Eu acho que era bem melhor.

ML: Era melhor.

BF: Então, o professor Rabelo me encaminhou ao professor Demétrio Periassu, não sei se você conheceu o Demétrio.

ML: Da Policlínica?

BF: É.

ML: Não, não conheci não, só de nome.

BF: Certo, mas você deve conhecer o filho, não é?

ML: O filho.

BF: Então, o Demétrio Periassu, era médico do IAPI lá, e eu... encaminhado pelo professor Rabelo e auxiliar de ensino, esse camarada deve prestar, não é? (risos), aí me colocou... eu era médico do IAPI.

ML: E essa história da Rua do Rezende? Da lepra?

BF: Bom, da lepra já foi quando eu vim embora para cá, quando eu decidi...

ML: O curso.

BF: Aí que eu fui fazer o curso.

ML: Então como foi essa decisão de pensar, em voltando para Mato Grosso e trabalhar com lepra?

BF: Pois é, aí que foi o que eu tenha falei... eu falei agora mesmo, agora nós estamos vindo da entrevista gravada, não é? Eu soube dessa nova programação, vamos dizer assim, que ia acontecer em termos de combate à lepra, vamos dizer assim, e eu soube e fui lá.<sup>4</sup> Fui lá e me apresentei.

ML: Na Divisão Nacional.<sup>5</sup>

BF: Na Divisão Nacional.

ML: Já era ali no Instituto de Leprologia em São Cristóvão?

BF: É, é ali do lado, em São Cristóvão, aí eu fui lá em São Cristóvão. Lá eu fui sem apresentação de ninguém.

ML: Falar com Ademyr [Rodrigues da Silveira]<sup>6</sup>? Não lembra?

BF: Não, eu falei com...

ML: Era o Fausto Gayoso [Castelo Branco].

BF: Não, não era o Fausto [Gayoso Castelo Branco], era o... e, esqueci o nome.

ML: Não era Orestes Diniz?

BF: Também não, vai falando aí.

---

<sup>4</sup> O depoente se refere à Campanha Nacional contra a Lepra, cujo início em nível nacional, se deu em 1959, no Rio de Janeiro.

<sup>5</sup> O depoente e a entrevistadora se referem à sede do Serviço Nacional de Lepra, que era localizado na Rua do Rezende e passou a funcionar em São Cristóvão, no mesmo local do Instituto de Leprologia.

<sup>6</sup> Ademir Rodrigues foi diretor da Divisão Nacional de Dermatologia Sanitária por muito tempo e ocupava o posto quando esta Divisão se transferiu do Rio de Janeiro para Brasília. Foi sucessor de Aguinaldo Gonçalves; muito discreto, tinha o perfil de mais administrador do que de técnico propriamente. Já falecido devido a um câncer.

ML: Que não era o Ademyr [Rodrigues da Silveira]...

BF: Era um colega... por sinal muito simpático, falava grosso.

ML: Antônio Carlos!?

BF: Não, ele foi meu calouro, foi meu calouro.

ML: Ele foi interino.

BF: Foi meu calouro em [19]63.

ML: Porque o [Milan] Tuma não foi, o Tuma ele era do Instituto de Leprologia.

BF: Fala outro nome aí.

ML: Depois do Orestes Diniz...

BF: Não!

ML: Eu achava que fosse o Fausto Gayoso Castelo Branco.

BF: Não, mas o Fausto sim diretor, mas tinha um outro colega que...

ML: Ah espera aí, o [Hylton] Hermont?

BF: Não, não era esse Hermont, não, era um outro. Eu não estou capaz de lembrar... é dessa turma. Bom, então eu fui falar...

ML: Ah! Del Favero, Wandick!

BF: Wandick.

ML: Wandick Del Favero.

ML: É, Wandick.

ML: O homem que fez o censo, o primeiro censo de lepra no Brasil.

BF: Pois é, não é o Wandick que tem um vozeirão?

ML: O primeiro não, mas ele trabalhava no censo de lepra.

BF: Não é? O Wandick tem um vozeirão?

ML: É, é era ele.

BF: ...um magrão assim, um vozeirão.

ML: É, eu sei que era conhecido já.

BF: Pois é, então eu fui falar com ele que vinha para o Mato Grosso e tinha vontade de participar, que eu era dermatologia, não é? Falei de onde que eu era, essa coisa toda, então ele falou: “Bom, então você vai fazer um treinamento”, aí pegou e me apresentou pro Nelson Vieira da Silva.

ML: Que era do Instituto de Leprologia.

BF: Era do Instituto, lá com o Ademyr e tal, não é? Ele me apresentou ao Nelson [Vieira da Silva] e falou: “Você vai fazer treinamento com o Nelson”. Aí eu fiquei com o Nelson seis meses, pegava toda a orientação teórica e depois fomos ao campo.

ML: Mas... então era você sozinho, foi um estágio ou um curso da Campanha Nacional contra a Lepra?

BF: Curso, foi um curso, era de seis meses.

ML: Tinha gente de outros estados? Tinha médicos de outros estados?

BF: Tinha daqui de Mato Grosso, por exemplo, fui eu que fiz; o de Rondonópolis, como é o nome dele? É um sanitarista também, lá de Rondonópolis.

ML: Ah, teve indicação também de Rondonópolis?

BF: Eu não sei se foi indicação ou se foi do jeito que eu fiz, porque eu não fui indicado por ninguém, eu que fui lá.

ML: Porque pelo o que eu sabia da Norma Oficial, as pessoas eram indicadas pelos governos estaduais.

BF: É, mas é acho que foi mais *a posteriori* talvez, ou mesmo na mesma época, só que comigo foi eu que fui lá e não tive indicação de ninguém. Eu fui porque eu precisava ter um apoio financeiro para começar a minha vida aqui.

ML: De emprego.

BF: Um emprego, então a oportunidade que apareceu, apareceu, eu vi lá, aí eu fui atrás, não é?

ML: Então o senhor veio como funcionário público federal?

BF: Sim.

ML: Da Campanha [Nacional contra a] da Lepra.

BF: Mas contratado sem vínculo nenhum, não é? Nem carteira assinada nem nada; era prestação de serviço, não é?

ML: Bem, aí você veio...

BF: Agora sabe como foi para mim saber disso? Foi que eu era médico que freqüentava a Rua do Rezende.

ML: O senhor ficou sabendo isso?

BF: É, eu estava pleiteando um contratinho com o estado também, lá era estado. Então eu ia lá, entendeu? Porque lá era o Arthur... Arthur... que fazia patologia só de hanseníase...

ML: Lá era referência.

BF: Era referência.